



Submissão
07-09-2024
Aprovação
28-11-2024

Como citar este artigo

Schmitz AB, Bellaguarda MLR, Tholl AD, Vieira AN, Fagundes JC, Silva MR. Violência doméstica no cotidiano da pandemia covid-19 em uma mídia jornalística de Santa Catarina (2019–2021). *Hist Enferm Rev Eletr.* 2024;15:e011. <https://doi.org/10.51234/here.2024.v15.394>.

Autora correspondente



Ana Beatriz Schmitz
E-mail:
schmitzanabeatriz@gmail.com

Violência doméstica no cotidiano da pandemia Covid-19 em uma mídia jornalística de Santa Catarina (2019–2021)

Domestic violence in the daily life of the Covid-19 pandemic in a news media in Santa Catarina (2019–2021)

Violencia doméstica en la vida cotidiana durante la pandemia de Covid-19 en un medio periodístico de Santa Catarina (2019–2021)

Ana Beatriz Schmitz^I ORCID: 0009-0009-3130-3817

Maria Lígia dos Reis Bellaguarda^{II} ORCID: 0000-0001-9998-3040

Adriana Dutra Tholl^{II} ORCID: 0000-0002-5084-9972

Amanda Nicácio Vieira^{II} ORCID: 0000-0002-6743-2575

Joaquina de Cândido Fagundes^{II} ORCID: 0000-0002-1609-8626

Magda Rosa da Silva^{II} ORCID: 0000-0002-8004-8076

^I Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Departamento de Enfermagem. Florianópolis, SC, Brasil.

^{II} Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Florianópolis, SC, Brasil.

RESUMO

Objetivo: identificar na mídia jornalística catarinense os tipos de violência doméstica no cotidiano das famílias na pandemia da Covid-19. **Método:** pesquisa qualitativa, de interesse histórico, documental, realizada na mídia jornalística impressa de grande circulação no estado Catarinense. Utilizado o recorte temporal 2019 a 2021 e os dados foram analisados pela análise de conteúdo. **Resultados:** extraídas 44 reportagens com a macro categoria: A violência doméstica elucida tipos de violência, e as relações e influências do agressor versus agredido e a publicização desses eventos à população da região de estudo. Dá análise apresenta-se a categoria: Da manchete à notícia eis a violência doméstica: tipos, modos e envolvidos. **Conclusão:** na mídia jornalística impressa catarinense não se observou informações suficientes referentes diretamente à temática. Informações veiculadas contribuem à conscientização e ao alerta da sociedade para a prevenção da violência doméstica e promoção de respeito e convívio saudável. A mulher é quem mais sofre com a violência doméstica, em segundo lugar as crianças e adolescentes e por último os idosos.

Descritores: Violência Doméstica; Família; Atividades Cotidianas; Pandemias; Meios de Comunicação de Massa.

ABSTRACT

Objective: To identify the types of domestic violence in the daily lives of families during the Covid-19 pandemic in the journalistic media of Santa Catarina. **Method:** Qualitative, historical and documentary research, carried out in a printed media of wide circulation in the state of Santa Catarina. The time frame used was 2019 to 2021 and the data was analyzed using content analysis. **Results:** 44 reports were extracted with the macro category “Domestic violence elucidates types of violence, the relationships and influences of the aggressor versus the aggressed, and the publicizing of these events to the population of the study region”. The data analysis presents the category “From the headline to the news, this is domestic violence: types, modes and those involved”. **Conclusion:** In Santa Catarina’s printed media, there was not enough information relating directly to the issue. The information provided contributes to raising awareness and alerting society to the prevention of domestic violence and the promotion of respect and healthy coexistence. Women suffer most from domestic violence, followed by children and adolescents, and lastly the elderly.

Descriptors: Domestic Violence; Family; Activities of Daily Living; Pandemics; Mass Media.

RESUMEN

Objetivo: Identificar los tipos de violencia doméstica en el cotidiano de las familias durante la pandemia del Covid-19 en el estado de Santa Catarina. **Método:** Investigación cualitativa, histórica y documental, realizada en medios impresos de amplia circulación en el estado de Santa Catarina. El marco temporal utilizado fue de 2019 a 2021 y los datos se analizaron mediante análisis de contenido. **Resultados:** Fueron extraídos 44 reportajes con la macro categoría “Violencia Doméstica elucidó los tipos de violencia, y las relaciones e influencias del agresor versus el agredido y la divulgación de estos hechos a la población de la región de estudio”. En el análisis de los datos, se presenta la siguiente categoría “De los titulares a las noticias, he aquí la violencia doméstica: tipos, modalidades e implicados”. **Conclusión:** En los medios impresos de Santa Catarina, no hubo suficiente información relacionada directamente con el tema. La información proporcionada contribuye a sensibilizar y alertar a la sociedad sobre la prevención de la violencia doméstica y la promoción del respeto y la sana convivencia. Las mujeres son las que más sufren la violencia doméstica, en segundo lugar los niños y adolescentes, y por último los ancianos.

Descriptorios: Violencia Doméstica; Familia; Actividades Cotidianas; Pandemias; Medios de Comunicación de Masas.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que a família é o grupo social e organizado que existe há mais tempo no mundo. A definição propriamente dita de família é proveniente do termo latino *famulus*, o qual significa “escravo doméstico”, termo este criado na Roma antiga, o que mostra como a família, na antiguidade, tinha um peso patriarcal e função de procriação⁽¹⁾.

Na atualidade, as famílias apresentam múltiplos arranjos, os quais diferenciam-se das famílias tradicionais conhecidas pela sociedade e em atual discussão na jurisprudência, tais como: núcleos familiares monoparentais, família substituta, mosaicos, homoafetivos, casais sem filhos, poliafetiva, entre outras. Dessa forma, passam-se a entender os núcleos familiares como um espaço de afeto, proteção e cuidado, e não mais aquele espaço de dominação⁽²⁾.

Em sua 3ª edição, o Fórum de Segurança Pública realizou a pesquisa “Violência Doméstica durante a pandemia de Covid-19”, na qual notou-se, em relação às mulheres, queda de notificações da violência doméstica, redução dos registros de lesão corporal, diminuição de estupro e estupro de vulneráveis e ameaça. O resultado positivo vai de encontro ao aumento geral de 2,2% no número de feminicídios no período da Covid-19⁽³⁾.

Em 2023, houve um aumento no número de feminicídios no Brasil para um total de 1.463 óbitos, 1,4 mortes para 100 mil mulheres, uma alta de 1,6% em relação a 2022. Em 2022, em relação ao perfil

das mulheres que sofreram violência, 71,9% tinham entre 18 e 44 anos, 61,1% eram negras ou pardas, e moradoras da região sudeste. Em relação ao perfil dos agressores, 73% foram o parceiro ou ex-parceiro da vítima. Entre 2022 e 2023, na região sul, o estado do Rio Grande do Sul é recordista em números (n=110 2%, n=87 1,5%), seguido pelo Paraná (n=77 1,3%, n=81 1,4%) e Santa Catarina (n=56 1,5%, n=55 1,4%)⁽⁴⁾.

No processo pandêmico da Covid-19, a saúde esteve intimamente ligada às questões políticas, econômicas e de saúde mental que se estabeleceram no cotidiano social. Esse fato associa-se à ideia de que as mulheres encontraram dificuldades em relatar denúncias nesse período, em decorrência do período ampliado do convívio com o agressor, amplitude da manipulação física e psicológica, dificuldades de sair para buscar instituições de denúncia e de proteção⁽⁴⁾.

A violência tornou-se um problema avassalador em nosso país. Os casos aconteciam em todos os lugares, e o ambiente familiar, o convívio e a intimidade encontram-se vinculados aos atos de violência doméstica entre os membros que residiam no mesmo ambiente ou até mesmo de pessoas conhecidas da família⁽⁵⁾. A pandemia da Covid-19 evidenciou ainda mais os casos de agressões intrafamiliares em decorrência da necessidade do isolamento social. O confinamento, a tensão vivida e as relações dentro de casa se tornaram mais suscetíveis à conflitos. Além disso, as mulheres se viram obrigadas a conviver diariamente com seus companheiros que em alguns casos já eram seus agressores⁽⁶⁾.

A violência doméstica, por ser considerada um problema de saúde pública, mostra pertinência na atuação do profissional de saúde, principalmente da atenção primária. Esse profissional deve ser capacitado para atender os casos de violência efetivando ações para a resolutividade dos casos, além de realizar as notificações necessárias. Sendo assim, foi criado o S.A.R.A.R – Sinalizar, Apoiar, Registrar, Avaliar e Referenciar, um manual específico para profissionais da saúde que atuam com a população e atendem as questões de violência familiar⁽⁷⁾.

Com o advento da internet, o alcance das informações disponibilizadas teve um aumento significativo, além da produção de manuais que auxiliem os profissionais. Com o passar dos anos, a complexidade e a rapidez desse novo meio de comunicação foram aprimorados, o que fez com que o conhecimento chegasse até o público de forma simples e instantânea⁽⁸⁾.

Devido à pandemia, os meios de comunicação tradicionais do jornalismo, como televisão e rádio, mostraram-se imprescindíveis para a atualização da população sobre os casos e o andamento da nova doença⁽⁹⁾. Entretanto, a mídia impressa, a qual se fez extremamente importante e que também é um dos meios de comunicação tradicional e indispensável para a disseminação de conhecimento, precisou se reinventar e lançar as edições *online* para garantir a entrega ininterrupta de informações, por conta do medo da população em trazer materiais externos para dentro de suas casas. A mídia jornalística costuma apresentar as notícias de violência em pequenos quadros nas laterais do jornal, vez ou outra ocupando um espaço de no máximo meia página. E as seções de “violência” ou “saúde” ou “política” são as áreas utilizadas para a apresentação de fatos violentos. E, em decorrência da modalidade de manchetes *online*, a estruturação do jornal foi modificada também, trazendo poucas notícias do cotidiano e favorecendo as colunas e temas de opinião.

A relevância do tema abordado evidencia-se no cenário que a humanidade viveu desde março de 2020, o início de uma pandemia global, onde todos se viram obrigados a permanecer no interior de suas residências, e assim perpetuar e influenciar novos casos de violência doméstica. Fatos esses que fizeram com que os serviços de segurança e saúde se organizassem e aprimorassem seus modos de atendimentos para a resolução eficaz dos casos de violência.

Nesta perspectiva, evidencia-se a intencionalidade deste estudo de interesse sócio-histórico ao abordar questões que registram fatos sobre a violação da autoestima e integridade física e psicológica da criança e da mulher, e também no que tange às relações de gênero, trabalho e de direitos sociais das pessoas⁽¹⁰⁾, marcando um período de crise social a ser documentado historicamente. Frente a esta contextualização, tem-se como questão norteadora ao desenvolvimento deste estudo “Qual a violência doméstica expressa no cotidiano das famílias durante a pandemia Covid-19 em matérias de um jornal de grande circulação em Santa Catarina?”

OBJETIVO

Investigar na mídia jornalística catarinense os tipos de violência doméstica no cotidiano das famílias na pandemia da Covid-19.

MÉTODOS

Estudo retrospectivo e descritivo na abordagem da pesquisa qualitativa, de cunho documental e interesse histórico-social. Os documentos são registros em materiais, textos, imagens, livros, impressos oficiais, mídia jornalística, atas, relatórios, entre outros. Desses componentes, foram extraídas, interpretadas e analisadas as informações que trazem à compreensão de contextos, relações, socialidades e humanidades do passado e da história presente⁽¹¹⁾.

Utilizou-se como fonte documental a mídia jornalística do jornal impresso de maior circulação e distribuição em Santa Catarina, o jornal “Diário Catarinense”. A busca das matérias incluiu as seguintes palavras: violência intrafamiliar, violência doméstica, pandemia e saúde. Teve o estudo os anos de 2019 a 2021 como recorte temporal, a primeira data em decorrência dos modelos de distribuição, tabloide e em meio à pandemia em formato de revista. O limite do recorte se deve ao período pós-pandemia Covid-19. Os dados foram coletados pela pesquisadora principal nos dias 10, 11, 20, 21 e 24 de janeiro de 2022, presencialmente, seguindo a etiqueta sanitária e o distanciamento social devido à pandemia Covid-19, na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em uma carga horária de quatro horas diárias, totalizando 20 horas de coleta de dados.

Foram pesquisadas 289 edições que responderam a critérios de inclusão tais como: aderência ao tema em estudo, manchetes e notícias de violência doméstica. O critério de exclusão foi “reportagens de violências no trânsito e no trabalho”.

Selecionaram-se 44 matérias jornalísticas e foi seguida a saturação quanto à intensidade das abordagens, relações surgidas e a profundidade no que se refere ao tipo de violência doméstica e os cotidianos das famílias. A saturação neste estudo seguiu a subjetividade da pesquisa e das pesquisadoras, quando se percebeu que as informações e dúvidas referentes à violência doméstica na mídia estudada foram sanadas⁽¹²⁾. Inseriram-se as matérias em tabela *Microsoft Word*® 2013, elencando as variáveis tipos de violência, pessoa agressora, pessoa agredida, influências familiares, e identificação da edição do jornal.

O tratamento e interpretação dos dados analisados ocorreram conforme Bardin⁽¹³⁾, nas seguintes etapas: pré-análise com leitura atenta, escolha do material a ser explorado, exploração do material (quando foi realizada a codificação e categorização do material) e, por fim, tratamento das informações em que foi realizada a interpretação dos dados documentais. Seguiu-se a classificação documental de unidade, autenticidade e de heterogeneidade⁽¹⁴⁾.

Realizou-se a codificação das informações pela similaridade e frequência da especificidade temática de forma a identificar os tipos de violências domésticas (tipos de armas, vítimas, desfechos) e descrever as influências que levaram, no cotidiano familiar, às desumanidades (passional, final de relacionamentos).

Este estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos por tratar-se de pesquisa em fontes de acesso público e à população em geral. Sustenta-se esta justificativa na Resolução n. 510/2016 e em acordo com a Lei n. 12.527/2011.

RESULTADOS

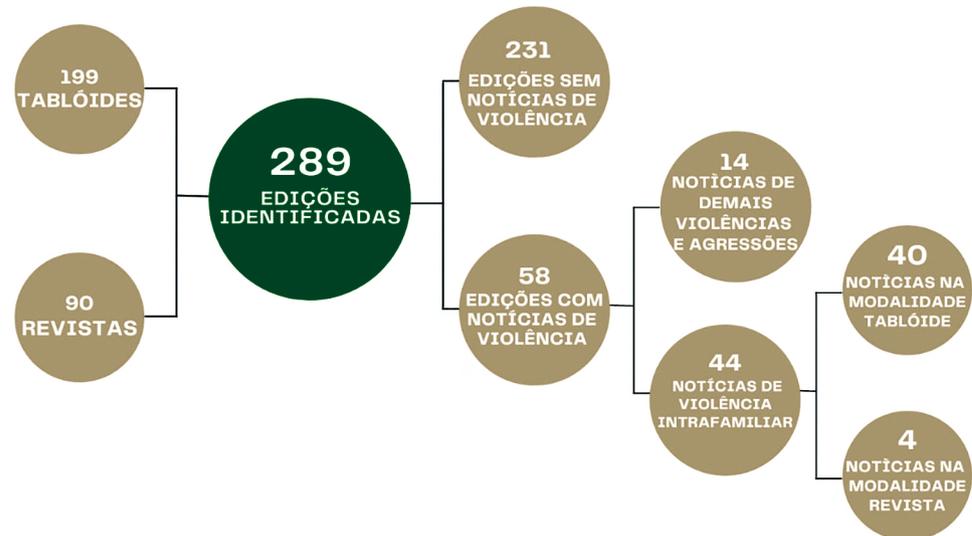
Das 44 edições jornalísticas para a análise de conteúdo temática no que se refere à violência doméstica de 2019 a 2021 evidencia-se, inicialmente, a mudança na apresentação da mídia impressa do jornal “Diário Catarinense”. Este jornal apresentava-se enquanto tabloide diário em 2019 e, a partir de 2020, com as mudanças requeridas pelo distanciamento e modelos virtuais de comunicação, tomou a modalidade revista semanal “Diário Catarinense”. A seguir o fluxo do quantitativo de matérias para elucidar o corpo do material estudado (Figura 1).

Os tabloides tinham uma dinâmica e movimento de leitura em massa, em todo o estado, diariamente produzidos com matérias diversificadas e retratando a violência em páginas policiais. Na versão Revista, a distribuição passou a ser semanal e as notícias em seções e a visualização pela assinatura virtual. As matérias aparecem mais extensas e com mais detalhes que as notícias apresentadas no tabloide.

No âmbito dos quatro tipos de violência, este estudo traz a violência doméstica em que há condutas violentas físicas, psicológicas, emocionais, violência sexual e econômica. Nas edições jornalísticas em estudo, foram em sua maioria noticiadas, em manchetes e em matérias completas, violência física

por arma branca e arma de fogo, e emocional e sexual. As mulheres são as vítimas mais agredidas, seguidas de crianças e adolescentes, e em menor frequência a violência contra idosos (Quadro 1).

Figura 1 - Fluxo das edições jornalísticas sobre violência doméstica. Florianópolis, SC, 2024



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Quadro 1 – Variáveis relacionadas à violência doméstica no jornal “Diário Catarinense” (2019–2021). Florianópolis, SC, 2024

Ano	Agressor	Vítima	Influência causador	Meio de agressão	Desfecho	Seção do jornal	Ação de saúde
2019	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão por término da relação	Arma de fogo	Feminicídio	Violência contra a mulher	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio	Violência contra a mulher	Não consta
2019	Companheiro	Menor de idade mulher	Não consta	Abuso psico/moral físico e sexual Ofensa	Denúncia do agressor / Separação	Saúde mental	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Discussão	Agressão física	Prisão do agressor / Internação Hospitalar	Violência	Hospital
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio / Prisão do agressor	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Discussão	Arma branca	Feminicídio	Segurança	Não consta

continua

Continuação do Quadro 1

Ano	Agressor	Vítima	Influência causador	Meio de agressão	Desfecho	Seção do jornal	Ação de saúde
2019	Companheiro / Pai	Mulher e criança	Discussão sobre a relação	Pedaço de madeira	Prisão do agressor	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Cárcere privado em imóvel em chamas	Prisão do agressor	Segurança	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio / Prisão do agressor	Segurança	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão	Arma de fogo	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma de branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Agressão física	Feminicídio / Prisão do agressor	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão por término da relação	Arma branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Duas mulheres	Discussão por término da relação	Arma de fogo	Feminicídio / Internação Hospitalar	Não consta	Hospitalização de uma das vítimas
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão	Abuso psico/moral Arma branca	Feminicídio	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão	Arma branca	Feminicídio	Segurança	Não consta
2019	Companheiro	Mulher/	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio	Segurança	Não consta
2019	Pessoa conhecida da família	Idoso	Não consta	Agressão física / Abuso psico/moral	Morte da vítima	Segurança	Não consta
2019	Homem (filhos)	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio / Prisão dos agressores	Segurança	Não consta

continua

Continuação do Quadro 1

Ano	Agressor	Vítima	Influência causador	Meio de agressão	Desfecho	Seção do jornal	Ação de saúde
2019	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Arma branca	Feminicídio	Segurança	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Feminicídio	Segurança	Não consta
2019	Pessoa conhecida da família	Duas crianças (gênero feminino)	Não consta	Abuso sexual / Abuso psico/moral	Prisão do agressor	Violência	Não consta
2019	Pessoa cuidadora	Idoso	Não consta	Agressão física	Morte da vítima / Prisão do agressor	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Arma de fogo	Agressor deixou a vítima no hospital e fugiu	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Discussão término da relação	Arma de fogo / Abuso psico/moral	Feminicídio / Prisão do agressor	Segurança	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Término da relação	Arma de fogo / Abuso psico/moral	Feminicídio / Agressor preso	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Agressão física	Feminicídio / Agressor confessou o crime	Violência	Não consta
2019	Ex-companheiro	Mulher	Término da relação	Agressão física / Arma de fogo / Abuso psico/moral	Feminicídio / Prisão do agressor	Segurança	Não consta
2019	Homem (filho)	Mulher (mãe)	Não consta	Agressão física	Feminicídio / Prisão em flagrante do agressor	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Discussão	Arma branca	Feminicídio / Agressor confessou o crime e foi preso	Violência	Não consta
2019	Companheiro	Mulher	Não consta	Agressão física	Feminicídio / Prisão do agressor	Segurança	Não consta
2019	Companheiro da mãe da vítima	Mulher	Não consta	Arma branca / Agressão física	Feminicídio	Segurança	Não consta

continua

Continuação do Quadro 1

Ano	Agressor	Vítima	Influência causador	Meio de agressão	Desfecho	Seção do jornal	Ação de saúde
2019	Pessoa conhecida da família (gênero masculino)	Menor de idade mulher	Não consta	Agressão física / Abuso psico/moral	Agressor está foragido	Violência	Não consta
2019	Mãe e pai	Criança	Não consta	Agressão física	Até o momento da publicação sem desfecho	Segurança	Não consta
2019	Mãe	Recém-nascido	Não consta	Abandono	Mulher foi pega em flagrante e confessou o caso	Segurança	Não consta
2020	Ex-companheiro	Mulher	Discussão por término da relação	Arma de fogo / Abuso emocional	Feminicídio / Prisão em flagrante do agressor	Violência contra a mulher	Não consta
2020	Pessoa conhecida da família (sexo masculino)	Criança (sexo feminino)	Não consta	Pedofilia	Pai da criança identificou ações suspeitas e interveio / Não se sabe o paradeiro do agressor	Segurança	Não consta
2020	Ex-companheiro	Mulher	Não consta	Abuso emocional / abuso sexual	Prisão do agressor	Violência	Não consta
2021	Ex-companheiro	Mulher	Discussão por término da relação	Arma de fogo	Prisão em flagrante do agressor	Violência	Não consta

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Seguiu-se à exaustividade observando a aderência dos componentes das matérias, pela leitura. A representatividade, pelo quantitativo e edições das matérias jornalísticas e homogeneidade respeitados, neste estudo, pelo documento jornalístico que atendeu ao proposto no estudo⁽¹³⁾.

De acordo com a análise de Conteúdo Temática fundamentada por Bardin⁽¹³⁾, a partir da leitura flutuante, intensa e repetitiva, extraíram-se as unidades de registro com o mesmo conteúdo semântico, atentando para a pertinência da mensagem e objetividade. Realizou-se o agrupamento das Unidades de Registro iniciais como sendo: violência doméstica, agressão à mulher, passionalidade, desfecho morte, tipos de armas utilizadas, e serviços de saúde e ou profissionais da saúde. Organizaram-se as Unidades de Registro finais em uma categoria comum, envolvendo os termos coerentes que surgiram em manchetes e nas notícias completas extraídas do Quadro 1, emergindo assim a categoria “Da manchete à notícia: A violência doméstica, tipos, modos e envolvidos”.

DISCUSSÃO

Da manchete à notícia: A violência doméstica, tipos, modos e envolvidos

As notícias são divulgadas em textos impressos, orais, escritos ou não-verbais, decididos por “sujeitos fontes” que revelam em notícias, reportagens, publicidades, redes sociais, entre outros. Mostra-se que a divulgação de informações em notícias jornalísticas funcionam como estrutura necessária ao combate à violência, sensibilização, conscientização e incentivo à segurança social, privada e pública, na vida da comunidade⁽¹⁵⁾. No âmbito da comunicação a publicização das notícias acontece por vias impressa (jornais, revistas, entre outras), imagética-televisiva, *online* (blog, redes sociais, entre outros), rádio e teleinformação.

Apesar de o conceito de família ter se modificado ao longo dos anos, cada vez mais esses novos núcleos familiares são retratados na mídia⁽²⁾. Os diferentes veículos que divulgam notícias ainda insistem em se referir a estrutura familiar com a configuração de pai-mãe-filho, reproduzindo o modelo tradicional de famílias patriarcais. A divulgação nas diversas formas de mídia sobre a violência doméstica tem sido crescente, relatando o contexto, os envolvidos e o desfecho daquilo que é um dos tipos de agressão de insegurança que ocorre no principal núcleo social, a família⁽¹⁶⁾.

A divulgação de notícias impactantes sobre o contexto da violência e dos conflitos intrafamiliares são necessárias, destacando sua importância para a ação de pessoas que vivem relações abusivas, agressivas e violentas para a busca de auxílio em diferentes ambientes e meios (segurança, judicial, saúde, entre outros) disponibilizados pelo Estado.

É importante destacar que ocorreu uma mudança significativa no jornal “Diário Catarinense”, que até o ano de 2019 foi impresso e distribuído semanalmente na modalidade de tabloide, sendo que a partir de 2020 as edições do jornal passaram a ser disponibilizadas semanalmente, em formato de revista, tendo a mudança resultado em uma perda na quantidade e qualidade das notícias. Em consequência, em relação à violência doméstica, diminuem os detalhes nos discursos das notícias que são necessários para se fazer entender a mensagem. Já quanto à modificação no tempo e formato de distribuição, comprometeu-se o acesso do consumidor às notícias por levarem uma semana para se atualizarem sobre os acontecimentos.

Isso se evidenciou com base na leitura das notícias e variáveis selecionadas, as quais foram retiradas das edições do ano de 2019, possibilitando o preenchimento praticamente de todos os campos coletados, contidos no Quadro 1. As notícias publicadas em formato de revista a partir de 2020, além de disponibilizadas com menor frequência, em sua maioria foram análises e opiniões dos colunistas que escrevem semanalmente para o “Diário Catarinense”. A mudança apresenta a superficialidade no tratamento dos assuntos e ocorrências do cotidiano, em textos longos, apresentando como foco principal a pandemia da Covid-19 e sua implicação na política, economia e entretenimento.

No ano de 2019, foram registrados no mundo aproximadamente 243 milhões de mulheres e meninas entre 15 e 49 anos como vítimas da violência sexual ou física por parceiros íntimos⁽¹⁷⁾. No Brasil, no contexto anterior ao período pandêmico da Covid-19, a violência doméstica se apresentava como um problema crescente. As informações publicadas em artigos científicos expõem a ampliação dos casos de violência doméstica com um aumento de 14,12% entre fevereiro e abril de 2020 em comparação ao mesmo período no ano de 2019^(16,18). As publicações ainda ressaltam o modelo hegemônico de uma sociedade sexista, patriarcal e machista que reforça o papel central do homem na família, e o uso do poder e da força na resolução dos problemas familiares. A violência contra um membro da família é encarada como uma forma de punição por má conduta e mau comportamento^(15,16,18). Ainda, acrescentam-se as especificidades culturais, sociais e políticas para a ocorrência da violência doméstica que aparece antes mesmo da Covid-19 como uma das maiores violações dos direitos humanos.

Na análise documental deste estudo, as manchetes e notícias não absorvem a violência doméstica no período pandêmico de 2020 e 2021. Em Santa Catarina, em relação à violência contra a mulher, em 2019 foram notificados 5.754 casos e, em 2020, 5.156 casos. A taxa de incidência por 100.000 habitantes em 2019 foi de 159,4% e em 2020 141,1%, representando uma diminuição significativa. Em relação aos registros presenciais de boletins de ocorrência houve uma queda de 65%^(19,20). Interpreta-se, em decorrência das mudanças de organização e distribuição jornalística da mídia em análise, que os agravos não mereceram destaque jornalístico no período.

Nas informações coletadas no “Diário Catarinense”, observa-se que a violência doméstica de maior incidência é praticada contra a mulher e, em grande parte, a conclusão do caso resultou em agressão física e morte da vítima com prisão do agressor. Em muitas das manchetes, o agressor planejou o ato. Alguns declararam-se culpados, e em outros casos, quando houve uso de arma de fogo, os agressores relatam que os disparos foram acidentais. Em outros atos infligidos contra as mulheres seguiu-se o abuso psico/moral, o qual na maior parte dos relatos está associado ao abuso sexual. Este histórico documentado no meio de comunicação jornalístico catarinense corrobora os dados contidos no Atlas da Violência 2019⁽²¹⁾. No boletim epidemiológico da violência doméstica em Santa Catarina em 2019, os três tipos de violência infringidos contra as mulheres foram física, psico/moral e sexual; já em 2020, seguiram-se como física, sexual e psico/moral⁽²⁰⁾.

Evidenciou-se que, por conta do isolamento social, as delegacias de defesa da mulher, criança, adolescente e idoso, os ministérios públicos, as polícias militar e civil, e os serviços especializados como os centros de referências, todos tiveram os atendimentos prejudicados, favorecendo então a continuidade e o agravamento da violência doméstica, mostrando ainda mais a necessidade de medidas preventivas e de intervenção urgente⁽⁶⁾.

O período da pandemia Covid-19 apresentou um cenário de enfrentamento difícil para as famílias no sentido econômico, educacional e de cotidiano familiar, formando-se barreiras de comunicação que dificultaram as relações entre os parceiros e levaram ao aumento das tarefas domésticas a cargo das mulheres, geralmente invisibilizadas⁽²²⁾. A abordagem da violência doméstica é notoriamente identificada na violência contra a mulher como mais insidiosa, necessitando ser considerada como fato complexo que independe de fatores de gênero, cor, credo, idade e/ou *status* social. Reflete, de acordo com o analisado, que todo o contexto familiar é vulnerável e frágil. Na verdade, a relação entre violência doméstica e causas como desemprego, autoestima, fome e abuso de álcool não podem ser consideradas, enquanto fatores isolados, como os produtores de violência contra a mulher⁽¹⁰⁾. Entretanto, as questões de vulnerabilidade econômica e emocional se manifestam enquanto violência de gênero contra a mulher⁽²³⁾.

No contexto da violência doméstica no ambiente familiar, e na análise dos dados coletados no “Diário Catarinense”, contra crianças e adolescentes predominou o abuso sexual; já entre os idosos, por abuso emocional. O tipo de violência contra esses segmentos populacionais também se apresenta no boletim epidemiológico da violência doméstica em Santa Catarina⁽²⁰⁾. Infere-se que o fechamento das creches, escolas, comércio, entre outros, resultou na educação e trabalho remotos, aproximando crianças e adolescentes dos seus alcoses⁽²⁴⁾.

Quanto aos idosos, da mesma forma, a gravidade e a reduzida comunicação de casos nos meios de comunicação decorreram do isolamento social, da fragilidade de saúde, do abandono familiar e da crise econômica. Segundo dados do boletim epidemiológico da violência doméstica em Santa Catarina, as três maiores causas de violência contra os idosos foram violência física, psico/moral e negligência/abandono⁽²⁰⁾. Os idosos, ainda, notadamente os que viviam em condições não favoráveis e sob cuidados de saúde inadequados, sentiram-se vulneráveis a contrair doenças transmissíveis, além de a perda de renda familiar sobrecarregar e preocupar em muitas situações o cuidador familiar⁽²⁵⁾.

As influências intrafamiliares, no caso das mulheres, aparecem nas edições pesquisadas como fatores de desfecho da violência por questões de ciúmes e pela finalização da relação entre parceiros. No tocante à criança e ao adolescente, envolveram ações de negligência e violência física e psicológica de membros familiares ou submembro que assume a função parental. Na literatura, os fatores geradores da violência estão associados às drogas lícitas e ilícitas e ao estresse físico e mental para o descontrole psico/emocional e agressivo. Entre os fatores condicionantes do ato de violência encontram-se as condições econômicas, educacionais, profissionais, entre outras, em relação às mulheres e aos homens⁽²⁶⁾. Evidenciou-se que o “Diário Catarinense” não conferiu ênfase e não divulgou os fatores em relação aos casos noticiados.

Uma questão bastante relevante observada neste estudo documental sobre as publicações do “Diário Catarinense” sobre os casos de violência doméstica em Santa Catarina foi que as notícias sempre se encontravam publicadas nas seções policiais ou de segurança. O enfrentamento dessas situações do ponto de vista da saúde foi raramente explorado e comunicado nas manchetes e nos textos das notícias. Os encaminhamentos das vítimas que necessitaram de assistência em saúde, tanto do serviço da

atenção primária ou hospitalar, e até mesmo nas matérias que abrangem o tema da violência doméstica como um contexto geral, houve maior referência ao atendimento nas delegacias especializadas e nos serviços de psicologia oferecidos pelo sistema público.

Outro fato constatado é que em nenhuma das matérias e notícias publicadas no “Diário Catarinense” mencionam ações de prevenção à violência doméstica realizadas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF) em relação aos outros membros que residem com a vítima, assim como o acionamento de outros serviços, tais como: conselho tutelar, conselho municipal do idoso, ministério público, entre outros.

A Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) refere que a atenção básica exerce o papel de comunicação integral à saúde, além de ser a porta de entrada do sistema de saúde, em seu leque de ações, dentre elas a promoção e prevenção da saúde, diagnósticos e tratamentos⁽²⁷⁾. A Portaria n. 104/2011 define a obrigatoriedade, em território nacional, do preenchimento da ficha de notificação de casos de violência, incluindo a violência doméstica⁽²⁸⁾. Apenas com a notificação enviada ao órgão responsável é possível que as medidas de saúde e judiciais sejam tomadas⁽²⁹⁾. Sendo assim, a atuação do profissional da saúde que atende vítimas de violência doméstica contribui para a efetividade de solução e encaminhamento dos casos.

Diante disso, o serviço primário de saúde necessita fornecer continuidade na resolução dos casos de violência com profissionais treinados. Entretanto, a escassez de conhecimento durante a formação e a falta de educação continuada durante a vida profissional dificultam a conduta frente à vítima de violência.

O profissional de saúde com conhecimento da temática que atende uma vítima de violência doméstica em um ambiente acolhedor e seguro apresenta condições para efetivar um vínculo de confiança para, assim, promover a condução das medidas necessárias, encaminhamentos e planejamento de ações preventivas a outros envolvidos na situação de violência⁽²⁶⁾. Do ponto de vista da violência doméstica, a unidade básica de saúde se faz extremamente importante para a identificação e intercessão nesses eventos, levando em consideração que durante o atendimento à população os profissionais estejam preparados para identificar possíveis sinais de violência em outras vítimas⁽³⁰⁾.

Destaca-se que o hábito da leitura e acesso à internet ao mesmo tempo agilizam a divulgação de informações, inclusive entre os profissionais da saúde, mas pode apresentar limites quanto ao acesso da população em geral, que se acredita justificar mais pelos hábitos e cultura da leitura de jornais do que propriamente pelo acesso pelas condições econômicas da sociedade.

Para tanto, além da mídia e das comunicações de massa, políticas públicas são imprescindíveis em todas as esferas, e a intersetorialidade entre educação, segurança e saúde faz emergir resolutividade na política social quanto à questão da agressão, violência e garantia dos direitos humanos⁽³¹⁾. Para que se faça clara à sociedade a urgência na prevenção da violência doméstica, utilizam-se os meios de comunicação do jornalismo tradicional, como a mídia impressa, que também sofreu modificações em tempo pandêmico. O registro jornalístico mostra-se como meio de comunicação e informação necessário à ampliação do tema violência doméstica, independente da modalidade de distribuição e acesso social.

Os profissionais da saúde da atenção primária, secundária e terciária se fazem extremamente importantes no momento em que recebem para atendimento uma pessoa vítima de violência doméstica, pois é a partir dos encaminhamentos realizados que se norteia o caso para a resolutividade. Contudo, ainda se encontra resistência devida à fragilidade na formação acadêmica e na educação continuada dos profissionais no tocante à violência doméstica.

CONCLUSÃO

No período da pandemia Covid-19, entre 2019 e 2021, identificou-se através dos dados coletados no “Diário Catarinense” uma queda expressiva de reportagens sobre a violência doméstica. A mulher é quem mais sofre com a violência doméstica, em segundo lugar as crianças e adolescentes, e por último os idosos. Na mídia jornalística impressa catarinense não se observaram informações suficientes referentes diretamente à temática.

Revelou-se a fragilidade das vítimas e de suas famílias após o ato de violência, assim como a falta de divulgação das ações de segurança e saúde desenvolvidas. A violência doméstica no período pandêmico

esteve “invisível” à população, conforme a literatura pesquisada. Informações veiculadas contribuem à conscientização e ao alerta da sociedade para a prevenção da violência doméstica e promoção do respeito e convívio saudável. O estudo realizado em uma única mídia jornalística catarinense, diminuição das publicações sobre violência doméstica, a falta de acesso às notícias publicadas na íntegra e os desdobramentos/encaminhamentos realizados mostram-se como limitações da pesquisa.

Nesse sentido, as análises aqui apresentadas, a partir da identificação da violência doméstica, nos conduzem a inferir sobre a necessidade do aprofundamento da temática nos currículos acadêmicos e priorização de políticas públicas que busquem modificar o panorama da violência, e, ainda, sobre o prolongamento das penas dos agressores. Já em relação aos gestores estaduais e municipais, a necessidade do desenvolvimento de um plano regular de educação continuada que inclua a temática violência doméstica.

Acredita-se que o presente estudo contribui para que os profissionais da Estratégia de Saúde da Família se atentem, no atendimento da população, aos sinais da violência doméstica e seus desdobramentos nas famílias.

Ressalta-se o importante papel da mídia impressa, rádio, *online*, imagética-televisiva e teleinformação na divulgação das notícias sobre violência doméstica para que motivem as vítimas em uma mudança de atitude, além de divulgarem as ações realizadas por inúmeros setores da sociedade, inclusive os serviços de saúde na sua prevenção e promoção da saúde física e mental.

REFERÊNCIAS

1. Sturza JM, Mori ED, Pires TD. Uma epidemia em meio à pandemia: a violência contra as mulheres como um problema de saúde pública. In: Ritt CF, Ritt E, organizadores. *Violência doméstica contra as mulheres: uma necessária reflexão sobre suas causas e efeitos, bem como as formas de seu enfrentamento*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2904>.
2. Fornari LF, Lourenço RG, Oliveira RNG, Santos DLA, Menegatti MS, Fonseca RMGS. Domestic violence against women amidst the pandemic: coping strategies disseminated by digital media. *Rev Bras Enferm*. 2021;74(1):e20200631. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0631>.
3. Vilasboas LC. O novo conceito de família e sua desbiologização no direito brasileiro. *Rev Artigos. Com*. 2020 [citado 25 ago 2024];13(1):e2864. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/2864/1189>.
4. Silva EF. Identidade e gênero de acordo com a teoria psicanalítica a partir da análise das novas configurações familiares. *Rev Cient Faema*. 2022;13(2):207-11.
5. Barreira CM, Fonseca JAG. Violência doméstica na pandemia: dados pandêmicos #1 [Internet]. [S. l.]: politize!; 18 abr 2022 [citado 25 ago 2024]; [1 p.]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-domestica-pandemia/>.
6. Nicoceli A. Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022. [Internet]. Rio de Janeiro: G1; 7 mar 2024 [citado 20 ago 2024]; [1 p.]. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/07/brasil-feminicidios-em-2023.ghtml>.
7. Franco SMFAM. Violência doméstica contra as mulheres e seus impactos na saúde: da experiência das vítimas à intervenção dos profissionais de saúde [tese]. [Covilhã (PO)]: Universidade Beira Interior; 2022 [citado 23 ago 2024]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/12350>.
8. Santana VV, Santos PR, Leal AKTBN, Silva DBS, Pereira EV, Silveira LNS, et al. A importância do uso da internet sob o viés da promoção interativa na educação em tempos de pandemia. *Braz J Dev*. 2020; 6(10):78866-78876. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-353>.
9. Oliveira DESD, Suzuki AC, Pavinato GA, Santos JVL. A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem: um estudo teórico. *Intracência Rev Cient*. 2020 [citado 20 ago 2024];19(3):1-8. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200522115524.pdf.
10. Malta RB, Aneas TG, Lisboa A, Vieira IA. Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero. *Soc Estado*. 2021;36(3):843-866. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030001>.

11. Carlos DJD, Bellaguarda MLR, Padilha MI. O documento como fonte primária nos estudos da enfermagem e da saúde: uma reflexão. *Esc Anna Nery*. 2022;26:e2021312. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0312>.
12. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesqui Qual*. 2017 [citado 23 ago 2024];5(7):1-12. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>.
13. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 71; 2016.
14. Padilha MI, Bellaguarda MLR, Nelson S, Maia ARC, Costa R. O uso das fontes na condução da pesquisa histórica. *Texto Contexto Enferm*. 2017;26(4):e2760017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017002760017>.
15. Silva AC, Inô DV. Discursos sobre o estupro em notícias jornalísticas divulgadas na internet. *Rev 15 Outubro*. 2023;1(2):56-77. <https://doi.org/10.5281/zenodo.8412308>.
16. Gomes MCA, Carvalho AB. Pandemia de covid-19 e violência doméstica na conjuntura sociopolítica brasileira. *Rev Estud Fem*. 2021;29(3):e74781. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n374781>.
17. Mlambo-Ngcuka P. Violência contra mulheres e meninas é pandemia das sombras. Nova Iorque: ONU; 2020 [citado 25 ago 2024]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-violencia-contra-mulheres-e-meninas-e-pandemia-das-sombras/>.
18. Souza LJ, Farias RCP. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serv Soc Soc*. 2022;(144):213-232. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>.
19. Battistella C. Denúncias de violência doméstica caem 65% em SC em quarentena do coronavírus; polícia redobra atenção [Internet]. Florianópolis: nsctotal, 25 mar 2020 [citado 25 ago 2024]; [1 p.]. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/denuncias-de-violencia-domestica-caem-65-em-sc-em-quarentena-do-coronavirus-policia>.
20. Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina. Violência contra a mulher. Barriga Verde Informativo Epidemiológico [Internet]. Florianópolis: SES/SC; 2023 [citado 25 ago 2024]. Disponível em: <https://dive.sc.gov.br/phocadownload/boletim-barriga-verde/violencia/BBV-violencia-contra-mulher-agosto-2023.pdf>.
21. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da violência 2019 [Internet]. Brasília, DF: IPEA; 2019 [citado 24 ago 2024]. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf.
22. Bianchini H. Combate à violência doméstica em tempos de pandemia: o papel do Direito. *Consultor Jurídico* [Internet]. 24 abr 2020 [citado 25 ago 2024]. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-24/direito-pos-graduacao-combate-violencia-domestica-tempos-pandemia/>.
23. Pisani M. O enfrentamento e a sobrevivência ao coronavírus também precisa ser uma questão feminista!. *Cad Campo*. 2020;29(1):156-62. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i1p156-162>.
24. Marques ES, Moraes CL, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad Saude Publica*. 2020;36(4):e00074420. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
25. Moraes CL, Marques ES, Ribeiro AP, Souza ER. Violência contra idosos durante a pandemia de covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. *Cienc Saude Colet*. 2020;25(suppl 2):4177-84. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.27662020>.
26. Fusquine RS, Souza YA, Chagas ACF. Conhecimentos e condutas dos profissionais de saúde sobre a violência contra a mulher. *Rev Psicol Saude*. 2021;13(1):113-24. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i1.1010>.
27. Ministério da Saúde (BR). Política nacional de atenção básica. Brasília, DF: MS; 2012. (Série E. Legislação em Saúde).
28. Ministério da Saúde (BR). Portaria n. 104, de 25 de janeiro de 2011. Define as terminologias adotadas em legislação nacional, conforme o disposto no Regulamento Sanitário Internacional 2005 (RSI 2005), a relação de doenças, agravos e eventos em saúde pública de notificação

- compulsória em todo o território nacional e estabelece fluxo, critérios, responsabilidades e atribuições aos profissionais e serviços de saúde. Brasília, DF: MS; 2011 [citado 20 ago 2024]; Disponível em: <https://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria%20N%20104,%20de%2025%20de%20Janeiro%20de%202011.pdf>.
29. Secretaria de Direitos Humanos (BR). Plano nacional de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. 3a ed. Brasília, DF: SDH; 2013.
 30. Xavier AAP, Silva EG. Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica. *Rev Inic Cient Ext.* 2019 [citado 27 ago 2024];2(esp 2):293-300. Disponível em: <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/279/217>.
 31. Schmitz AB. Violência intrafamiliar no cotidiano doméstico da pandemia covid-19 na mídia jornalística [graduação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2022.